



50 anos do Golpe Militar de 64

"A história que a mídia faz,
contá ou não conta"

A poética radiofônica de José Medina: divagações sobre o roteiro do Radioconto “O Lar Vazio”¹

PASQUALIN, Vera da Cunha (Mestranda)²
PPGCOM-ESPM/SP

Resumo: O presente artigo apresentará roteiros da peça radiofônica “O Lar Vazio”, escrita e dirigida por José Medina em 1946, e permitirá a análise sobre o uso da linguagem em dois meios em que foi divulgada: rádio e jornal. José Medina foi um importante produtor paulista que, durante a primeira metade do século XX, atuou em cinema, pintura, fotografia, teatro e jornal e dedicou a maior parte da sua vida profissional emprestando seu talento ao rádio. Originalmente, a peça apresentada neste artigo foi irradiada pela Rádio Cruzeiro do Sul, de São Paulo e, meses mais tarde, o mesmo roteiro foi adaptado para ser publicado na coluna “Rádio”, mantida por José Medina no Jornal de São Paulo. Através de sua leitura, serão desvendados os detalhes poéticos que visam cativar e envolver os ouvintes/leitores, além de promover uma breve pincelada sobre o consumo de obras de entretenimento e o fetiche pelos produtos. As teorias utilizadas terão como base os pensamentos trazidos por João Anzanello Carraschoza, Eick Felinto, Olgária Matos, Marshall McLuhan, além de outros pensadores que ajudam a compreender o fazer midiático.

Palavras-chave: rádio; José Medina; roteiro; poética; consumo

Considerações Iniciais

A cena cultural paulistana teve a contribuição de um artista que transitou entre distintas linguagens para expressar seus sentimentos e dar sentido, por vezes por encomenda, a propósitos variados. Estamos falando de José Medina, que sempre expôs seus sentimentos através de desenhos e pinturas e atreveu-se a experimentar novas tecnologias como as recém surgidas artes da fotografia e do cinema, já no final da década de 1910, quando rodou seu primeiro filme.

Nota-se que, na trajetória de José Medina, formou-se uma trama de expressões

¹ Trabalho apresentado no GT de História da Mídia Sonora, integrante do 5º Encontro Regional Sul de História da Mídia – Alcar Sul 2014.

² Mestranda do PPGCOM-ESPM, em Comunicação e Práticas de Consumo. Possui graduação em Comunicação Social pela ESPM-SP (1996). Integrante do Grupo de Pesquisa em Comunicação, Consumo e Entretenimento, Linha de Pesquisa em Comunicação, Consumo e Memória. Participa da Pesquisa Comunicação, Consumo e Memória: Cosplay e Culturas Juvenis, com apoio do CNPq (Chamada MCTI/CNPq/MEC/CAPES N. 18/2012 –Ciências Humanas, Sociais e Sociais Aplicadas) em desenvolvimento junto ao PPGCOM-ESPM, sob coordenação da Prof^a Dr^a Mônica Rebecca Ferrari Nunes. É bolsista de pesquisa em comunicação editorial da Revista Comunicação Mídia e Consumo, revista científica do PPGCOM-ESPM. E-mail: vpasqualin@gmail.com.



50 anos do Golpe Militar de 64

*"A história que a mídia faz,
conta ou não conta"*

que explora as peculiaridades de cada linguagem. Das imagens estáticas da fotografias, pinturas e desenhos, pulou para as performances ao vivo no teatro amador. A junção das artes cênicas com as artes visuais permitiu o mergulho na arte cinematográfica, com o auxílio fundamental do consumo voraz de literatura e música deste autor e pelo seu olhar atento para a vida cotidiana que pulsava na capital paulista.

O cinema permitiu o trânsito entre a linguagem visual em movimento, intercutado por breves diálogos escritos em letreiros para dar ênfase à história contada. Nesta experiência do cinema mudo, a contribuição dos elementos sonoros era construída pela trilha acompanhada ao piano durante as exibições nos cinematógrafos, ou pela imaginação do próprio espectador que podia criar em sua mente o som da campainha da porta ao ver o mocinho do filme chegar à casa da namorada com um ramallete de rosas.

Anos mais tarde, já com a vivência múltipla e variada no campo das artes e tendo emprestado seu talento para as empresas anunciantes ávidas por peças publicitárias para promover seus produtos, Medina passou a dedicar-se ao rádio e a analisar o mercado da comunicação. O trânsito entre as linguagens tornou-se parte do seu cotidiano e do seu fazer midiático.

É neste contexto, dos tempos investidos por Medina em rádio, que vamos jogar as luzes dos holofotes deste artigo, ao analisar uma peça radiofônica que foi ao ar pelas ondas da Rádio Cruzeiro do Sul, no dia 18 de julho de 1946, um quinta-feira, no programa “Romance Condensado”, que trazia textos de autoria de José Medina. A adaptação deste mesmo roteiro foi publicada no Jornal de São Paulo, em dezembro do mesmo ano, na coluna “Rádio”, que Medina mantinha neste periódico. O texto escolhido tem o título de “O Lar Vazio” e conta a história de um artista plástico que acabara de ganhar o prêmio de um salão da artes com uma tela onde retratava a alegria e harmonia do seu lar, ao lado da mulher amada. Porém, sua esposa o abandonou e fugiu com outro homem, levando o artista a destruir sua obra em pleno salão de artes e a criar outra pintura, com a mesma estrutura da obra vencedora, porém com elementos contrastantes ao sentimento exposto nos tempos em que acreditava na fidelidade da esposa.



Alguns segredos revelados

Para nos auxiliar na análise da peça escolhida, será feita uma apresentação de alguns elementos que compõem a estrutura do roteiro. Vale ressaltar que o material ora estudado tem por base roteiros radiofônicos em papel, sem o apoio de gravações em áudio da obra como fora executada no rádio.

A peça radiofônica é coletiva, à medida que é composta por escolhas e interpretações da equipe envolvida. O autor do roteiro sugere o tom e a temperatura da peça, porém a execução e escolha final ficam à cargo dos radioatores e dos técnicos e contrarregras que atuam na obra. No roteiro da peça “O Lar Vazio”, Medina escreve ao técnico *Sobe e desce música mais ou menos fúnebre, mas não Marcha Fúnebre*. Ao fazer este pedido, o autor dá liberdade ao técnico para a escolha da música, que irá interferir na obra final, porém a temperatura da trama é indicada e dada pelo criador do radioconto.

Já a experiência da movimentação de câmera experimentada por Medina nos tempos em que escrevia e dirigia cinema, pode ser observada nos movimentos dentro do estúdio de rádio, ao indicar que o contrarregra dispare o som de campainhas, passos, portas que se abrem e fecham e ao pedir que os radioatores iniciem as suas falas com um movimento de aproximação do microfone ou afastando-se dele conforme o momento da cena.

Outro recurso utilizado por Medina no roteiro analisado neste artigo é o uso de arpejos ou voos de abelhas para simbolizar a transição entre épocas distintas da história retratada, conjugada ao pedido para que o radioator fizesse uma voz de “moço” ou de “velho” para marcar a fase da vida do personagem em cena. Salta aos olhos, também, a variedade de recomendação aos intérpretes usando termos como *rindo, abraçando, cínico, brando fingindo ternura, vacilante, terno, comovido, rápido e confidencial, profundamente abatido, espanto, risada irônica, alucinado, seco, entusiasmo, lembrando, sorrindo, suspira, emocionado, quase chorando*. Estas indicações ajudam na construção da cena na imaginação do radiouvinte que não pode se utilizar da imagem para saber se o personagem está expressando alegria, tristeza, solidão, entusiasmo, ternura, aflição ou qualquer outro sentimento visível no rosto do ator.

As pausas também são enfatizadas no roteiro e ajudam a dar ritmo à trama.



50 anos do Golpe Militar de 64

"A história que a mídia faz,
contá ou não conta"

Como bem lembrado por João Carrascoza em uma de suas aulas no PPGCOM-ESPM em 2013, *a língua oficial do homem é o silêncio e tudo que é importante é intercortado por ele*. No roteiro de rádio, as pausas, os silêncios, o volume e as nuances formam a construção da magia da obra apresentada. Importante também lembrar que os roteiros de peças radiofônicas nesta época eram abruptamente interrompidos por intervalos comerciais, pausas para publicidade do anunciante patrocinador do programa. Desta forma, o papel do responsável pela técnica era vital para voltar ao tom correto no momento da retomada do texto após o término da peça publicitária. Os elementos sonoros apresentados pela técnica como a música, os arpejos e os truques traziam de volta o ouvinte para a história com a audácia e coragem como se não tivesse existido a pausa invasiva da publicidade que interrompia com agressividade a obra apresentada. Por vezes, a peça publicitária dialogava com a obra apresentada, porém, no roteiro de “O Lar Vazio”, não se tem esta informação.

Recorremos então a Marshall McLuhan (1995) que fala sobre a impossibilidade de analisar o conteúdo sem considerar o meio em que acontece. Para McLuhan, o meio é a própria mensagem e completa seu pensamento ao dizer que

a luz elétrica é informação pura. É algo assim como um meio sem mensagem, a menos que seja usada para explicitar algum anúncio verbal ou algum nome. Este fato, característico de todos os veículos, significa que o “conteúdo” de qualquer meio ou veículo é sempre um outro meio ou veículo. O conteúdo da escrita é a fala, assim como a palavra escrita é o conteúdo da imprensa e a palavra impressa é o conteúdo do telégrafo. Se alguém perguntar, “Qual é o conteúdo da fala?”, necessário se torna dizer: “É um processo de pensamento, real, não-verbal em si mesmo.” (McLUHAN, 1974, p. 22)

Desta forma, ao analisarmos os roteiros deixados por Medina, percebemos que o próprio roteiro, é também mensagem.

Nota-se, ainda, que os textos de autoria de José Medina trafegam entre o apolíneo e o dionisíaco, uma vez que sugerem imagens que serão criadas nas mentes dos ouvintes a partir de elementos previamente alojados em suas memórias, porém fazendo uso de um discurso, por vezes, óbvio e direto. A sonoridade age como verbal na construção da realidade através de todos os elementos que compõem a obra radiofônica. Os roteiros de Medina eram fluidos e leves a ponto de conduzir o radiouvinte pela história narrada, como se fora um homem enamorado que levasse sua companheira pela mão para um passeio vespertino.



50 anos do Golpe Militar de 64

"A história que a mídia faz,
contá ou não contá"

O som impresso nos tipos do jornal

A coluna *Rádio*, escrita por José Medina no Jornal de São Paulo, era utilizada para difundir textos de sua autoria sobre o meio Rádio e sobre o campo da comunicação em geral. Por vezes, chegava a utilizar o suporte impresso para publicar roteiros de peças de rádio, porém com um formato que incluía as marcações técnicas e indicações para os radioatores que a interpretariam. Neste caso, entretanto, a interpretação caberia, exclusivamente, ao leitor do texto impresso no periódico. O roteiro da peça “O Lar Vazio”, que havia sido irradiado pela Rádio Cruzeiro do Sul em Julho de 1946, foi publicado em quatro sequências durante o mês de dezembro do mesmo ano, sendo chamado pelo autor de “Radioconto”.

Não se pode supor que os leitores de jornal tivessem o conhecimento técnico para saber interpretar as marcações de um roteiro radiofônico ou o hábito de ler conteúdos com este formato, porém estas obras eram assim publicadas, com frequência, na coluna analisada e acompanhadas pelos leitores/ouvintes. De certa maneira, ao publicar os roteiros desta forma, Medina acabava por aproximar o público do universo radiofônico e promover uma maior intimidade com este meio.

Contudo, por conhecer as diferenças entre os meios em que transitava, Medina fazia pequenos ajustes de linguagem ao publicar em jornal os roteiros que eram antes produzidos para rádio, alterando marcas de pontuação, suavizando as marcações técnicas, porém mantendo o formato de roteiro.

A análise destas obras pode passar pelo que Erick Felinto (2006) explica sobre as materialidades da comunicação.

Falar em “materialidade da comunicação” significa ter em mente que todo ato de comunicação exige a presença de um suporte material para efetivar-se. Que os atos comunicacionais envolvam necessariamente a intervenção de *materialidades, significantes* ou *meios* pode parecer-nos uma ideia já tão assentada e natural que indigna de menção. Mas é precisamente essa naturalidade que acaba por *ocultar* diversos aspectos e consequências importantes das materialidades na comunicação – tais como a ideia de que a materialidade do meio de transmissão influencia e até certo ponto determina a estruturação da mensagem comunicacional. (FELINTO, 2006, p. 36-37)

Esta possibilidade de interpretação torna-se viável por conta da materialidade onde está difundida. Os roteiros publicados em jornal na coluna de Medina não



50 anos do Golpe Militar de 64

"A história que a mídia faz,
contá ou não conta"

informavam o nome dos radioatores que interpretariam as peças, o que oferecia a liberdade interpretativa dos leitores para imaginar os personagens com as vozes dos radioatores de sua preferência (ou mesmo com as suas próprias vozes), no caso dos leitores não terem ouvido a mesma peça já irradiada anteriormente.

No caso do radioconto “O Lar Vazio”, publicado no periódico paulistano, nota-se a adaptação para facilitar a compreensão dos leitores, a exemplo da indicação *arpejo rápido para mudança de cenário*, enquanto no roteiro para execução no rádio, constava apenas *arpejo rápido*. Ou ainda, em outro trecho, *voo de abelha para decorrência de tempo*, ao passo que aparece apenas *voo de abelha* no roteiro de rádio. Além disso, a marcação de interpretação para os radioatores também apresenta pequenas alterações que podem fazer diferença na compreensão do texto pelos leitores do Jornal de São Paulo. Em uma das cenas, o tom sugerido no roteiro de rádio aparece como *muito comovido*, já no jornal, está grafado apenas *frio*. Por ter sido publicado cinco meses depois da apresentação na Rádio Cruzeiro do Sul, pode-se supor que José Medina teve tempo para lapidar melhor a escrita, fazendo uso de uma linguagem um pouco mais elaborada para publicar no jornal impresso.

Detalhes íntimos revelados em pinceladas

O roteiro escolhido para ser analisado neste texto oferece elementos interessantes sobre a busca dos detalhes na poética. Vamos nos ater apenas às descrições feitas das duas telas pintadas pelo artista plástico do enredo, o Sr. Novais. Lembramos que o artista pintou dois quadros, sendo um produzido em tempos de glória em seu casamento com a mulher amada e o segundo após a grande decepção e desgosto ao descobrir a traição de sua esposa. As duas obras tiveram títulos de “O Lar” e “O Lar Vazio”, respectivamente. Na primeira, toda alegria e leveza são representados, como descrito a seguir:

ARMANDO O quadro representa uma sala ampla e cheia de sol, que entrava por uma janela aberta sobre um jardim. Junto à janela estava uma mulher loura toda vestida de branco, tendo ao colo um cachorrinho lulu com o qual brincava. Junto a ela, sentado numa poltrona, o marido que sorria feliz. No fundo, por onde penetrava a luz do sol, uma mesinha sobre a qual havia um recipiente com frutas e dois copos com vinho. No amplo retângulo azul do fundo, viam-se umas pequenas nuvens muito brancas e alguns fragmentos de uma trepadeira que parecia querer entrar pela janela para apreciar aquela paz divina do lar.



50 anos do Golpe Militar de 64

"A história que a mídia faz,
conta ou não conta"

ALCIDES Não há dúvida que pela descrição que você acaba de fazer, aquele quadro devia ser uma maravilha!

ARMANDO Era uma tela que causava uma estranha sensação de bem estar, muito propícia à bondade. Porque era o reflexo vivo de um lar feliz. Os rostos das personagens tinham a expressão tranquila e serena de Novais e sua esposa. Tudo quanto estava reproduzido no quadro: assim como os móveis, as decorações e até a própria trepadeira, que espiava pela janela, eram cousas muito familiares ao pintor. E de fato era assim que corria a vida conjugal de Novais. (MEDINA, 1946, p. 3)

A descrição inteira é leve e com toques que levam o radiouvinte a imaginar um quadro com muita luz, alegre e que transmite harmonia e paz. Já o quadro seguinte, “O Lar Vazio”, é descrito com referências à obra anterior, porém contrastando seu tom com sentimentos antagônicos.

ARMANDO O ambiente é o mesmo do quadro “O Lar”, mas nesse quadro de agora, a janela está fechada e através das vidraças percebe-se apenas a monotonia de um céu cinzento. E espiando, pela janela, o esqueleto de uma trepadeira seca. Sobre a mesinha: um copo de água e uma côdea de pão. O cachorrinho lulu dorme sobre a poltrona em que no outro quadro estava sentado o homem que representava o próprio Novais. Ao fundo, uma porta entreaberta e nada mais. O homem risonho e a mulher loura desapareceram. (MEDINA, 1946, p. 9)

Percebe-se que a expressão visceral do segundo quadro expõe o profundo sentimento de dor e vazio deixado pela ausência e traição da mulher outrora amada. A amargura tomou conta do peito do pintor que conseguiu expressar com tintas a sua dor e emocionou, tanto quanto o outro quadro, os críticos e colecionadores de artes.

Nos detalhes descritos é possível enxergar com os olhos do coração o momento sentimental vivido pelo artista que criou tal obra. As taças de vinho, que antes celebravam o amor, deram lugar ao copo de água, sem graça, sem gosto, líquido que não celebra. A trepadeira que ambicionava compartilhar o momento de felicidade do casal estava seca, sem vida. O cão de estimação, que brincava no colo de sua dona, agora não tinha mais o afago dos seus amigos humanos. A janela aberta representava a abertura da alma dos habitantes do lar retratado, enquanto o fechamento da mesma vidraça na última obra demonstra que o artista está cerrado para o mundo, amargurado, isolado, triste, sombrio.

Falando em sentimentos, podemos tomar o conceito de “casa” exposto por Gaston Bachelard em sua obra “A Poética do Espaço”. O autor nos diz que *a casa é um corpo de imagens que dão ao homem razões ou ilusões de estabilidade* (2008:36) e



segue seu discurso explorando os espaços contidos dentro e fora da *casa*. Já segundo as palavras de Walter Benjamin, *para o homem privado, o interior da residência representa o universo. Nele se reúne o longínquo e o pretérito. O seu salon é um camarote no teatro do mundo.* (1991:37). A representação da mesma sala de estar em dois momentos opostos nas duas telas descritas, tem a força extrema de exibir de forma exacerbada a intimidade do pintor.

Relembrando as palavras de Carrascoza,

A vida é desprovida de forma. Cabe ao artista delinear, seja qual for seu modo de expressão, os traços de seu universo pessoal, valendo-se do detalhe para lhe dar verossimilhança, e, no caso da prosa ficcional, atrair o leitor para que ele “veja” as suas partes mais brilhantes. (CARRASCOZA, 2012, p. 104)

Estes detalhes ajudam a construir a imagem de um segundo quadro mais sombrio que o primeiro, com menos luz e cores, porém com igual força de sentimentos. A transição entre um quadro e outro, motivada por uma dor arrebatadora fez com que o impacto no espectador da nova obra fosse comparável ao toque sutil que atraiu os olhos da obra leve e suave, exposta outrora no salão de artes, porém, com uma carga oposta de sentimentos.

Consumindo simbolismos

Falar em consumo é também falar sobre os hábitos e costumes de uma sociedade. Sobre este aspecto, os roteiros de José Medina podem nos ajudar a desvendar um pouco sobre os paulistanos e paulistanas que consumiam seus produtos de entretenimento e conteúdos jornalísticos. Perceber as nuances escondidas nos roteiros são como a figura do caleidoscópio sugerida por Carrascoza para se analisar o consumo na vida cotidiana.

Nesse contexto, como se observando um caleidoscópio, percebemos efeitos de luz que desaparecem se o giramos, e reaparecem com outros matizes se de novo o movemos. Então, algo que se supõe ausente está, em verdade, ali, presente, à sombra. Daí emerge, imediatamente, o tema dos não-ditos discursivos, tão importantes quanto os ditos. (CARRASCOZA, inédito, p. 13)

No capítulo dedicado ao entrelaçamento entre propaganda e política da obra “Tramas publicitárias. Narrativas ilustradas de momentos marcantes da publicidade”, os autores Carrascoza e Santarelli (2009: 43-65) evidenciam a importância que o rádio e os jornais tiveram na época da Segunda Grande Guerra. O papel destes meios de



comunicação não aparece apenas como informativo, porém também serve como anestésico e oferece um tom de padrão de comportamento para enfrentar as mazelas da vida.

Retornando ao roteiro de “O Lar Vazio”, nota-se que a história fala sobre o encantamento dos colecionadores que querem, a todo custo, adquirir a obra de arte pintada pelo artista frustrado, que se recusa terminantemente a vender sua tela emblemática.

ARMANDO (...) “O Lar Vazio”. Aliás um grande trabalho do Novais. Aliás, parece que muitos colecionadores e até o próprio governo quis adquirir aquele quadro. Mas o Novais nunca se decidiu a vendê-lo. (MEDINA, 1946, p. 2)

Como lembrado por Carrascoza (2012:106) ao citar um das obras de Tolstói sobre a arte, evidencia-se o contágio que a obra de arte pode promover em quem a “consome” e é fortalecido de acordo com a *singularidade do sentimento e sinceridade do artista, da maior clareza da transmissão do sentimento*. A obra prima do Sr. Novais, artista protagonista do roteiro de José Medina, conseguiu contagiar os colecionadores justamente por ter tido esta força de expressão, sinceridade de sentimentos, por ter exposto as feridas de sua alma na tela.

ARMANDO Uma maravilha! O Novais pôs toda a sua alma de artista naquele quadro! É uma concepção sublime! Deu-lhe o título de “O Lar Vazio”. Pois é esse o tal quadro que fez tanto sucesso e que o Novais recusou-se terminantemente a vender! Adivinha-se naquela tela o silêncio e o abandono! Posso garantir que é a melhor obra de pintura contemporânea. (MEDINA, 1946, p. 9)

Porém, o fetiche que cativou os colecionadores está intimamente ligado à aura, como descrita por Walter Benjamin em seus pensamentos. A obra de arte única, sem reprodutibilidade, onde está contida toda a magia da expressão do artista, em cada pincelada.

ARMANDO Como já disse a você o Novais teve muitas propostas para a compra do quadro, inclusive da própria pinacoteca nacional. Mas ele se recusa sempre a vendê-lo. Um dia perguntei a ele porque não vendia o quadro e ele respondeu-me....

(...)

NOVAIS (EMOCIONADO) Eu vou explicar. A felicidade é um dom que não temos o direito de reservar somente para nós. Deve servir de exemplo para todos. Porém... as feridas que nos causam as grandes dores morais, temos obrigação de escondê-las para o mundo. Esse quadro representa as feridas que ainda não deixaram de sangrar no meu coração.

(...)



50 anos do Golpe Militar de 64

"A história que a mídia faz,
conta ou não conta"

NOVAIS Sendo assim, esse quadro só pode interessar a mim e a mais ninguém! (QUASE CHORANDO) Nele eu exteriorizei toda a minha infelicidade!... É o espelho onde se reflete toda a minha dor!... Todo o meu sofrimento e toda a minha amargura!... Portanto, somente eu o compreendo em toda a sua plenitude!... Essa é a história do meu ÚLTIMO QUADRO. Você que foi meu íntimo amigo sabe perfeitamente que no tempo em que eu era feliz, fui bastante vaidoso ao perceber que a glória vinha ao meu encontro. Mas agora que me vejo completamente infeliz e desgraçado, embora pareça um paradoxo, eu sinto um grande orgulho da minha dor imensa! É por isso que não quero de forma alguma me desfazer desse quadro enquanto viver! (MEDINA, 1946, p. 10)

A tela em questão, “O Lar Vazio”, consegue despertar o interesse dos colecionadores pela sua força, entretanto tem uma representatividade ainda mais avassaladora para o artista que a pintou, justamente por simbolizar um momento de profunda amargura e tristeza, pela decepção amorosa que o abateu. Por mais que os colecionadores que a ambicionam consigam sentir esta dor ao observar a composição e uso de cores, luz e formas, não terão a mesma dimensão que o próprio artista, que passa a utilizar a própria criação como objeto de contemplação para tratar a sua dor. *A mercadoria pode ser comparada ao fetiche do primitivo, objeto de admiração e de temor, no qual o selvagem encarna o seu Deus. Esse fetiche é transformado em “obra de arte” para que os mortos não retornem para perturbar o cérebro dos vivos.* (MATOS, 2008, p.18).

O consumo está presente, não apenas na intenção dos colecionadores de arte que desejam ter a tela retratada, porém também no consumo do rádio e do jornal como entretenimento e informação e para, de certa forma, inserir o cidadão no contexto social em que vivem e estimular, ainda mais, outros tipos de consumo. Trata-se de uma lógica lembrada por Carrascoza ao dizer que *é a sociedade capitalista, por meio da indústria cultural, que orienta o indivíduo para o melhor uso de seu tempo.* (CARRASCOZA, 2008, p. 223).

Considerações em processo

Como colocado por Cecília Almeida Salles, em sua obra “Gesto Inacabado” (2004), por vezes surgem trajetórias lineares nos labirintos, sem curvas e mistérios escondidos, que distorcem a lógica do ato criador. A trajetória profissional de José Medina permite uma série de reflexões a respeito do ato criador que pode ser trazido ao



50 anos do Golpe Militar de 64

*"A história que a mídia faz,
conta ou não conta"*

tempo presente através da pesquisa de mestrado que está em curso. São estes os elementos que continuarão a ser explorados sobre a poética da linguagem, para entender a magia que se promove através de seus conteúdos e técnicas.

Considerando que a mídia e o consumo também são parte da formação cotidiana da sociedade, seguiremos, pois, mergulhando neste mar de memórias e explorando a magia e os mitos que habitam o imaginário, com a rica contribuição de José Medina em busca dos detalhes escondidos por trás de sua obra.



50 anos do Golpe Militar de 64

"A história que a mídia faz,
conta ou não conta"

Referências

BACHELARD, Gaston. *A Poético do Espaço*. Tradução Antonio de Pádua Danesi. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BENJAMIN, Walter. "Paris, Capital do Século XIX". In: KOTHE, Flávio (Org.) **Walter Benjamin**. São Paulo: Ática, 1991.

CARRASCOZA, João Anzanello. A cena de consumo. Um detalhe da estética publicitária. In: Rocha, Rose de Melo; Casaqui, Vander. (Org.). *Estéticas midiáticas e narrativas do consumo*. 1ed. Porto Alegre: Sulinas, 2012.

CARRASCOZA _____. *Literatura e consumo: um leitura do clássico Vidas Secas*. (inédito).

CARRASCOZA _____. "Publicidade: o sonho do consumo e a realidade da produção". In: BACCEGA, Maria Aparecida (Org.) **Comunicação e culturas do consumo**. São Paulo: Editora Atlas. 2008.

CARRASCOZA _____ e SANTARELLI, Christiane. *Tramas publicitárias. Narrativas ilustradas de momentos marcantes da publicidade*. São Paulo: Ática, 2009.

FELINTO, Erick. **Passeando no labirinto**: ensaios sobre as tecnologias e as materialidades da comunicação. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

MATOS, Olgária. "A cena primitiva – capitalismo e fetiche em Walter Benjamin". In: BACCEGA, Maria Aparecida (Org.) **Comunicação e culturas do consumo**. São Paulo: Editora Atlas. 2008.

McLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1974.

MEDINA, José. O Lar Vazio. **Rádio Cruzeiro do Sul**, São Paulo, 18 jul. 1946. Romance Condensado. 1 Roteiro.

MEDINA _____. Radioconto: O lar vazio. **Jornal de São Paulo**, São Paulo. 1946. Rádio.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto Inacabado**: processo de criação artística. São Paulo: FAPESP: Annablume, 2004.